

***A IDENTIDADE NO ESPAÇO:
EXPERIÊNCIA E SIGNIFICAÇÃO EM
Evocação do Recife, de Manuel Bandeira***

**Maria Elizabete Sanches¹
Eduardo Martins²**

RESUMO: Este artigo discute o processo de criação da Identidade do discurso na obra de Manuel Bandeira a partir dos elementos de sua experiência espacial, bem como procura demonstrar o meio pelo qual esta experiência se transforma em matéria singular de tensão lírica.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade; Espaço; Ser; Discurso; Criação.

ABSTRACT: This article debates about the creation process and speech identity of Manuel Bandeira's work, starting from elements of his space experience, it also demonstrates how this experience has been transformed into singular lyric tension.

KEYWORD: Identity; Space; Being; Speech; Creation.

A Literatura Brasileira em raros momentos encontrou ambiente tão propício para a revelação da experiência íntima do espaço, como o que se circunscreve na obra lírica de Manuel Bandeira.

Remanescente de uma procura silenciosa e solitária, mas também dependente do cotidiano, a obra de Manuel Bandeira coloca-se sobre a égide de reflexões

¹ Professora de Literatura Brasileira. do Departamento de Letras: Língua Vernácula da Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR / Especialista em psicopedagogia/ UNIR

² Professor Assistente do Departamento de Letras: Língua Vernácula da Fundação Universidade Federal de Rondônia /UNIR e Mestre em Teoria Literária pela Universidade Estadual Paulista (UNESP).

básicas para formação do homem a partir do espaço em que está inserido, como bem observou Davi Arrigucci no famoso ensaio *Humildade, paixão e morte* (2000).

Aí se resgata o problema da identidade no texto, presença e ausência de marcas individuais do criador; sinceridade e fingimento, que alheios à formação de quem lê, atribuem ao texto poético o seu papel de lacuna entre o que se diz e o indizível, colocando-se como um presente eterno para o mundo coloquial, real, e o olhar de permanente futuro da linguagem da grande criação.

Yudith Rosenbaum pode perceber esta posição no poeta quando intitulou seu estudo sobre a obra de Bandeira, como *Uma poesia da ausência* (1993). A atitude pretende trazer à discussão uma poética da ausência, revelada muito mais no desejo de negação de uma suposta presença, do que na constituição da mesma.

A distância: o perto e o longe, o esférico, o indizível, a presença e a ausência, a lembrança e o esquecimento funcionam como pilares dialéticos de uma experiência que comunga, como bem atentou o professor Aguinaldo José Gonçalves, no prefácio ao estudo de Yudith, o universo dialético entre o objeto real e a criação.

Sim. A ausência que o poeta vê espelhada em si mesmo, a falta que se consolida pela fragilidade do corpo e pelas enormes lacunas de desejo expostas como síndrome de cunho emocional na experiência diária do autor de *Pasárgada*.

O resgate da existência se dá, portanto, pela construção de uma linguagem, o suplemento que nas palavras de Jaques Derridá funciona como “origem obliterada da ausência e da presença” e que “já está implicado no pensamento da diferencia” (São Paulo, 1993)

De um lado a experiência factual, ou seja, o real dizível, cultural, e de outro, a experiência do que poderia ser e não é, o intransitivo ou indizível, aquilo que para o poeta era iniludível. A morte do real como condição para o nascimento e a construção da experiência poética, a identidade do eu.

É sobre esta identidade inserida como elemento construtor de um espaço circunsférico, dominador das evidências de formação do ser, que vamos procurar limitar as nossas observações, trazendo à discussão um dos textos mais lidos e estudados do autor, o *Evocação do Recife*, este o grande desafio.

O espaço sempre motivou o registro em nossa lembrança das experiências mais íntimas de nosso ser. É dele que extraímos as reminiscências mais fortes de nossa experiência no mundo sensitivo, vinculadas diretamente a uma situação emocionalmente definida. Mesmo a discussão sobre a presença ou a ausência do

escritor, naquilo que produz como arte, considera o espaço do texto poético, seus limites de expressão, sua construção.

Em muitos casos o nascimento da obra inicia com a plena negação do escritor no universo do real e sua afirmação plena como elemento partícipe da criação de uma nova linguagem: a recriação do que temos como língua. Este processo reafirma a necessidade da morte da linguagem formal para o surgimento da experiência da linguagem poética.

Por isso mesmo, reconhecer que as particularidades de um determinado estilo vinculam-se unicamente ao processo de criação da obra desmantela-se por causa do conjunto das experiências do criador face ao mundo e sua dinâmica: a linguagem não nasce do nada e a ela se incorporam os elementos culturais que a formam advindos destas experiências, colocando-se aí, ela como tal.

A intransitividade do discurso poético surge como possibilidade do encastelamento do espaço entre o dito e o não dito, a presença e a ausência da identidade como expectativa da delimitação das esferas do real e do literário. O signo poético, notadamente, se coloca sempre em substituição a uma experiência da coisa em si. A essência da atividade poética implica a reorganização da presença do eu em sua dimensão maior.

Daí ter-se que o conjunto componente da cosmovisão do autor implica na constituição do fingimento poético, como condição *sine qua non* para o surgimento da nova verdade que se instala no texto e limite da lacuna entre o real e o ideal: a mimese que se coloca como questão desde os estudos elaborados pelos gregos, precisamente em Aristóteles e Platão.

A negação completa das forças circunstanciais motivadoras da construção do discurso poético parece direcionar a discussão para o vazio ou, no mínimo, reduzir a arte literária a estéril processo formal, como queriam os parnasianos, alheio ao que o homem tem de mais característico em sua essência: a sua formação.

Em Bandeira, não são poucos os momentos em que o componente biográfico propicia a chamada elaboração da identidade poética e, no *Evocação*, isto se dá de forma nitidamente mais acentuada que em qualquer um dos seus outros textos, principalmente porque aqui a relação de dependência com um espaço identificado, geográfica e emocionalmente pelo ser, recupera, pela memória involuntária, os traços de formação de sua experiência mais íntima.

A dupla face parece se consolidar no mesmo jogo em que as cartas estabelecem situações opostas, mas justapostas, entre a experiência natural e o trabalho do poeta que artesanalmente justifica o seu anseio criador. A tensão entre o imaginário e o factual parece propiciar a transição da identidade que se coloca como elemento fronteiro deste processo.

Desta forma, a realidade e a imagem apontam para o trajeto percorrido pelas forças motivadoras da criação e esta, acentuando como marca a exclusão do geral em benefício do particular, como se pode observar pelo uso recorrente da negação nos primeiros versos do poema.

Recife

Não a Veneza americana

Não a Mauritsstad dos armadores das Índias Ocidentais

Não o Recife dos Mascates

Nem mesmo o Recife que aprendi a amar depois-

Recife das revoluções libertárias

Mas o Recife sem história nem literatura

Recife sem mais nada

Recife da minha infância

O Poeta delimita, dentro do macroespaço, o microespaço do ser, corre do geral em direção ao particular, do visível ao invisível que se coloca na memória através das reminiscências da infância. À experiência do que peculiarmente no espaço é reconhecido por todos, se contrapõe a singularidade das emoções do eu. A Veneza americana, o Recife dos Mascates e o das revoluções libertárias é compartilhado como objeto comum, que não se justifica na evocação das vivências mais íntimas recuperadas pela memória individual: o Recife da infância, sem história nem literatura, singular, porque produto de uma experiência individual.

Sujeito, o espaço geograficamente definido, contrariando os princípios da lógica, avança do particular rumo ao universal, contituindo-se expressão dimensionadora, fazendo brotar os meandros de três espaços distintos: o do poeta, o do espaço exterior e o espaço poético. Neste desenvolve-se a universalização da experiência do indivíduo que resgata em outros espaços menores a sua projeção: os bairros, as ruas, as casas, a particularizada casa do avô. Temos o movimento do

geral para o particular. O Recife isolado no início do texto é redesenhado de forma caótica, pelo que revela enquanto resgate da memória.

Assim o movimento do poema passa a traduzir o paradoxo que se instala no contraditório universo da proximidade e da distância, da presença e da ausência, no que flui do geral para o particular, mas que se universaliza neste.

O passado da experiência enobrece o universo poético, atemporal, ou sem passado, como diz Gaston Bachelard (1998, p. 01). Os fatos do cotidiano ressurgem de maneira singela, apontando para cenas singulares em que os seres herdados da experiência, Aninha Viegas e Totônio Rodrigues, parecem compor o universo íntimo do sujeito.

A alternância de versos curtos e longos sugere a imprecisão dos fatos recordados. A atmosfera é familiar ao eu que procede ao reconhecimento do espaço experimentado como suporte para criação do espaço poético. A proximidade ou a distância desenha a presença ou a ausência do eu em relação à imagem construída:

À distância as vozes macias das meninas politonavam:

Roseira dá-me uma rosa

Craveiro dá-me um botão

(Dessas rosas muita rosa

Terá morrido em botão...)

De repente

Nos longes da noite

Um sino

Os anônimos se confundem com os nomeados de forma a consolidar a dimensão caótica com que fluem da memória involuntária: Ao singelo e primeiro alumbramento pela visão da moça nuinha no banho se contrapõe imediatamente a força das cheias que transformam o ritmo do poema e do rio. A força recria os fatos, arrancando-os dos espaços mais íntimos e subjetivos do universo da criação, para em seguida amansar na imagem da menina que começa a passar as mãos pelos cabelos. O Capibaribe/Cabiberibe além do som abemolado, identificado por Arrigucci (2000, p. 171) remete a relação do Capibaribe com o Beberibe criando a imagem lírica recortada. A poeticidade se dá por meio de situações triviais, rasgadas do

cotidiano, tão condenado pelas correntes do passado. A fala do brasileiro estampada nos discursos dos pregões:

Me lembro de todos os pregões:

Ovos frescos e baratos

Dez ovos por uma pataca

Foi há muito tempo....

O Eu enfatiza a distância e por isso as vozes lhe chegam de forma embaralhada, como ecos que remetem ao sem fim da relação espaço físico com espaço poético. As terras que não conhecia bem, as coisas que não entendia, o Recife, que parece encerrar a face do desconhecido e o reconhecimento do topo. A consagração da casa do avô que se modaliza no uso do verbo parecer e se estende à conclusão de que tudo passa e, mesmo o elemento concreto tem seu fim.

Recife...

Rua da união...

A casa de meu avô

Nunca pensei que ela acabasse!

Tudo lá parecia impregnado de eternidade

As velhas recordações se consolidam nas figuras que lhe parecem encerradas: O Recife bom, o Recife morto, o Recife brasileiro como a casa do avô. A similaridade se consolida para clarear a dúvida gerada pela fragilidade da memória. O texto divide-se entre os momentos de certezas e incertezas provocados pelas imagens. As seqüências oscilam entre ritmos leves e fortes, de sons agudos e graves, como o longe do sino, construindo a dúvida que se espalha no seguimento posterior. Os anônimos representam a dúvida, os nomeados a certeza:

Uma pessoa grande dizia:

Fogo em Santo Antônio!

Outra contrariava: São José!

Totônio Rodrigues achava sempre que era São José.

As reminiscências se alongam, não para constituírem-se mera extensão autobiográfica, mas para consolidar um espaço poético que transcende ao Recife,

identificado nos primeiros versos. A desconstrução da sintaxe remete aos fleches sucessivos da memória do sujeito poético, paradoxalmente construindo-lhe a identidade. A presença se instala no campo metafórico das diversas cenas projetadas. Os dois Recifes, um conhecido pelas pessoas e um outro particularizado pelo eu, criam a lacuna em que Bandeira situa o poético: entre a realidade e a imagem, sombreando o campo em que se consolida sua poética, ou a função poética da linguagem, capaz de transformar o espaço externo ao eu em sua dimensão mais íntima.

Os órgãos dos sentidos são chamados a construir o cenário e a atuarem como testemunhos do redemoinho de sensações táteis, auditivas, visuais, de forma lúdica, num jogo que não tem fim e que aparece representado pelas inúmeras reticências, imprimindo ao texto a dúvida que se transfere ao leitor, marcando a cadência das cenas.

Como em Rilke, a ausência vai caracterizar a essência das coisas, na intimidade do ser-coisa, na transmutação do tempo que se desvincula da idéia de espaço. Bandeira constrói seu ambiente íntimo na esfera do real, do exterior ao ser, nos espaços reveladores de sua expressão poética mais lírica.

Esse movimento, pura contradição, une-se a representação do macroespaço para constituir-se no alicerce de uma identidade que se dilui por meio de uma sensação de mundo à distância, como se o eu estivesse vivendo sempre o instante final, ou como se a vida lhe pudesse estar sobre ameaça constante, diluindo-se, afastando-se da memória e escapando-lhe em direção ao desconhecido.

A vida como uma porção de coisas que eu não entendia bem

Terras que eu não sabia onde ficavam

A existência melancólica do poeta constrói a experiência saudosista do poema, essência de quem buscou viver os instantes com a intensidade comum com que se pretende viver o último momento. A necessidade de sentir-se dentro de um espaço que pudesse confortar a ausência de um sopro de vida, fazendo eco na memória pela recordação do instante sublime que antecede a adolescência de saúde problemática: a infância.

Assim cria-se, em Bandeira, a tendência que Arrigucci Júnior chama de espacialização da obra, em que se estabelece a tensão permanente entre o

processo de criação poética e a espontaneidade dos motivos, a complexidade do ser e a simplicidade da forma.

Por isso, o final do texto redimensiona o espaço como pura essência, reveladora de uma emoção visivelmente particularizada, presente apenas na memória, dissociada de qualquer instante referencial e suporte da identidade do ser.

Como frisamos no início desse trabalho, nossas observações resumiram-se a um único texto, mas é salutar registrar que a questão não se esgota por aí e se estende por muitos outros textos da obra do poeta. Pois, se a *Evocação* assume a dianteira entre os poemas em que melhor se coloca o problema da identidade em relação ao espaço, não resta dúvida que este norteia o processo de construção da obra.

A singela posição do eu, no ambiente poeticamente criado, aponta para uma direção ainda não invocada pela crítica e que pode propiciar novas leituras, certamente gerar novas observações em torno da complexidade que o poeta conseguiu com extrema simplicidade, comum as coisas e aos seres.

A *Evocação* de Bandeira não deixa de ser a evocação de todos nós que reservamos, sob a neblina de nossas memórias, um espaço para as imagens consagradoras das nossas identidades construídas sobre os alicerces da infância.

Nossa contribuição procura muito mais instigar um momento de reflexão do que fechar uma questão que nos parece ser interminável porque resgata a própria discussão sobre o fazer poético.

Bibliografia

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. SP: Martins Fontes, 1988.

BANDEIRA, Manuel. **Estrela da vida inteira**. RJ: José Olympio, 1978.

BLANCHOT, Maurice. **O espaço literário**. RJ: Rocco, 1987.

DERRIDÁ, Jaques. **Gramatologia**. SP: Perspectiva, 1973.

_____. **A escritura e a diferença**. SP: Perspectiva, 1995.

DIMAS, Antônio. **Espaço e romance**. SP: Ática, 1987.

JÚNIOR, Davi arrigucci. **Humildade, paixão e morte**. SP: Cia. Das Letras, 1999.

ROSENBAUM, YUDITH. **Manuel Bandeira: uma poesia da ausência**. SP: Edusp, 1993.